

Introdução

MORRER PODE SER UMA FELICIDADE OU UMA SORTE?

A morte e a felicidade não são contrários evidentes? “Essa pessoa teve muita sorte”, dizemos de alguém que esteve muito perto da morte num acidente de automóvel. E referimo-nos assim à feliz sorte do acaso, conceito para o qual o inglês e o latim dispõem de uma palavra própria, *luck* e *fortuna*. O mesmo acontece com *happiness* e *beatitudo* no que se reporta ao conceito da felicidade afortunada da consumação.

Um ser humano pode experimentar na sua vida quotidiana a pequena felicidade do momento consumado através de palavras bondosas, por exemplo, ou por meio de um gesto amável, ou através do agradecimento por uma boa obra feita. Sem dúvida, uma pessoa pode ainda experimentar em certas ocasiões a grande felicidade de uma momentânea vivência impressionante, como é o caso, por exemplo, na embriaguez da música, numa vivência arrebatadora da natureza ou no êxtase do amor.

Só há uma coisa que o ser humano não pode fazer: proporcionar duração a uma sensação de euforia e de felicidade — e não pode fazê-lo nem por meio do dinheiro, nem através do álcool ou das drogas. É verdade que há informações extremamente diferentes no cérebro humano capazes de produzir endorfinas, as hormonas da felicidade, e de provocar assim sensações de uma felicidade

eufórica. No entanto, o hábito leva ao embrutecimento: o nosso sistema neurológico da felicidade não se ajusta a um regime de funcionamento contínuo. A súplica fervorosa de Fausto no momento de felicidade máxima (ao pedir ao instante que se detenha com a sua beleza) não surge ao acaso e permanece sem resposta.

Mas há outra coisa que talvez seja possível ao ser humano: um *humor predominantemente feliz* que, em lugar de aspirar a uma euforia e a uma felicidade constantes, o leve a não desesperar até mesmo em situações desesperadas, sustentando antes a sua confiança. Em termos concretos: estar de acordo com a vida tal como é, em princípio, mas sem por isso se resignar a tudo. Assim, um humor predominantemente feliz significa, portanto, uma vida de clareza, em consonância com o nosso próprio ser. E é aqui que eu me interrogo: uma atitude fundamental semelhante não poderá manter-se na passagem para a morte, tendo em conta a fragilidade e a natureza efêmera dos seres humanos?

A *ars moriendi*, a “arte de morrer”, ocupa-me desde a década de 1950, desde que o meu irmão Georg teve por destino sofrer durante meses com um tumor cerebral incurável, acabando por morrer asfixiado por um edema pulmonar. E impôs-se-me como um tema de especial interesse desde cerca de 2005, quando o meu querido colega e amigo Walter Jens, se bem que tendo recebido o melhor tratamento, passou o resto da vida a vegetar na sua demência até ao momento da sua morte no ano de 2013. Estas experiências reforçaram a minha convicção de não querer morrer assim, mas mostraram-me ao mesmo tempo em termos claros o desafio de não deixar passar o momento de uma passagem autorresponsável para a morte.

Era isto que, na década de 1990, o historiador da literatura, crítico literário e pensador Walter Jens e eu próprio defendíamos nas conferências que demos em conjunto do *Studium Generale* da Universidade de Tubinga e, em 1995, no livro que escrevemos em colaboração, *Morrer com Dignidade. Uma Apologia da Responsabilidade*, cuja posterior edição completei, em 2009, com o capítulo “Vinte Teses sobre a Eutanásia”, e com uma preciosa contribuição pessoal de Inge Jens.

Por fim, em 2013, descrevi nas cinquenta páginas do último capítulo do terceiro volume das minhas memórias, *Humanidade Vivida*, o historial das minhas doenças (doença de Parkinson, distrofia muscular, poliartrite nos dedos...) e a minha posição relativa à passagem para a morte. Expus as coisas com toda a franqueza e fi-lo, não em último lugar, para despertar na opinião pública alemã (que continua sofrer o efeito do trauma coletivo dos assassinios praticados pelo nacional-socialismo sobre pessoas que classificou como “vidas inúteis”) uma compreensão da problemática atual em torno de um final de vida que se adia e prolonga cada vez mais de modo artificial.

Na minha maneira de ver as coisas, protelar indefinidamente a minha vida temporal não está de acordo nem com a arte de viver nem com a minha fé numa vida eterna. Chegada a hora, devo decidir responsabilmente (no caso de estar ainda em condições de o fazer) o momento e o modo da minha passagem para a morte. A ser-me concedido este desejo, gostaria de morrer consciente e de me despedir digna e humanamente dos seres que me são queridos. Morrer *feliz* não significa para mim uma morte sem nostalgia nem dor perante a despedida, mas uma morte *completamente conformada, com a mais profunda satisfação e paz interior*. Tal é, sem dúvida, o que significa a palavra do grego antigo *eu-thanasia*, que foi acolhida pelo léxico de muitos idiomas contemporâneos, mas da qual os nacional-socialistas abusaram de maneira infame: uma morte “boa”, “conveniente”, “leve”, “bela”, “feliz”.

Ou seja, um *requiescat in pace*, um “descanse em paz”, resolvidos todos os assuntos a resolver, com gratidão e uma oração cheia de confiança. Não se trata apenas de um sonho desejável. Sei de pessoas que, neste sentido, morreram felizes: entre elas, conta-se a minha mãe. Em meu entender, trata-se de uma atitude que se justifica, no fundo, pela esperança de uma vida eterna enfim alcançada, uma outra dimensão da paz e da harmonia, do amor duradouro e da felicidade permanente. É esta a ideia que faço, alimentada pela Bíblia, de uma passagem feliz para a morte.

E esta ideia torna imediatamente claro que semelhante passagem feliz para a morte nada tem a ver com um mísero “suicídio” arbitrário, que seria até planejado como provocação dirigida às autoridades religiosas, propósito que falsamente me atribuíram algumas vezes, tanto nos meios de comunicação como nalgumas cartas pessoais. Aparentemente, alguns representantes do “dogma eclesiástico” (do qual a minha concepção discorda) não compreenderam que a nossa própria compreensão tanto do começo como do final de uma vida humana atravessa uma extraordinária mudança de paradigma, que não pode ser examinada nem reprovada com base nem no mundo conceptual e imaginativo da Idade Média, nem na teologia protestante ortodoxa. É hoje necessário termos em conta o enorme prolongamento da esperança de vida graças aos progressos da medicina e da higiene contemporâneas, qualquer coisa de inimaginável em épocas anteriores, mas é necessário ter em conta também as correções das visões pós-modernas dos limites de uma medicina que argumenta e atua em termos meramente tecnocientíficos. Aumentou o nosso sentimento da necessidade de construção ética e humanitária de uma medicina global. Na própria Igreja Católica, existe a esperança, desde a entronização do papa Francisco, de uma maior abertura e de uma base de compaixão perante questões de tão notória gravidade. Para o papa Francisco, o cristianismo não é uma ideologia doutrinária afastada da realidade, mas um caminho que se aprende caminhando através dele.

De algumas das questões aludidas nesta introdução ocupou-se também a famosa profissional da televisão Anne Will, durante uma conversa comigo, que teve lugar no dia 20 de novembro de 2013, tendo sido retransmitida a 2 de janeiro de 2014, pelo canal Phoenix. A conversa em causa estabelece a plataforma das minhas restantes reflexões. Agradeço de todo o coração à minha hábil e inteligente interlocutora o ter-me permitido publicar aqui o nosso diálogo vivo e isento de artifício. Como já disse, não pretendi escrever um livro inteiramente novo, mas sim contribuir para esclarecer a minha posição e aprofundar a minha concepção, além de responder às objeções que recebi tanto oralmente como

por escrito. Para esse efeito, recorri a textos anteriores e acrescentei novos comentários.

O meu desejo é oferecer a uma opinião pública o mais ampla possível materiais que induzam reflexões críticas e autocríticas para que o debate atual chegue aos parlamentos, às associações profissionais, aos tribunais judiciais e às igrejas, mais concretamente aos políticos, aos médicos, aos juristas e aos pastores de almas. Tudo isto, na esperança de um debate interessado e, ao mesmo tempo, capaz de compreensão.